

EDITORIAL

Com alegria e ordem

O aterro da Praia de Iracema, construído há 14 anos sob muita polêmica, se transformou no mais importante espaço da Cidade para abrigar eventos com grande presença de público. É o caso do Réveillon, shows variados e jogos. É certo que toda grande cidade precisa de um espaço com aquelas características, mas é preciso muito equilíbrio em seu uso.

Da forma como os eventos se estabelecem no aterro, os abusos em série cometidos com o aval (e patrocínio) do poder público tendem a gerar degradação urbana e imobiliária naquela preciosa área da Cidade. Ali, a cada evento, praticamente todas as leis que regem a cidade são desrespeitadas.

Além de interesse turístico, o entorno do aterro abriga um patrimônio urbano da cidade. A área concentra muitos bares e restaurantes que se misturam ao cotidiano marcadamente residencial. Essa mistura estabelece um ambiente urbano saudável e interessante tanto para o visitante quanto para os fortalezenses.

No entanto, os constantes eventos ali realizados, na forma como são permitidos, transformam a área em sucursal do inferno. Foi assim nos trinta dias de duração da Copa do Mundo com a Fan Fest. As regras urbanas foram jogadas na lata do lixo ironicamente sob o patrocínio

VIGOROU O POPULISMO NA CRENÇA DE QUE O POVÃO PRECISA DE CIRCO SEM REGRAS

ção das instituições que deveriam zelar por elas.

Durante o dia inteiro, o volume do som tornou impraticável a vida das pessoas que moram na área. O problema ia muito além: urina nas calçadas, barracas com venda de comida sem autorização da saúde pública, prostituição a céu aberto, venda de drogas, comércio ilegal, bebidas alcoólicas vendidas a menores, sujeira, estacionamentos irregulares, entre outros tantos abusos.

Não, a culpa não é dos visitantes e cidadãos que ordeiramente foram ao aterro assistir aos jogos no telão. O problema é a incapacidade do poder público de adequar o funcionamento da Fan Fest às leis vigentes. Vigorou o populismo na crença de que o povão precisa de circo sem regras, sem limites e com música de qualidade ruim.

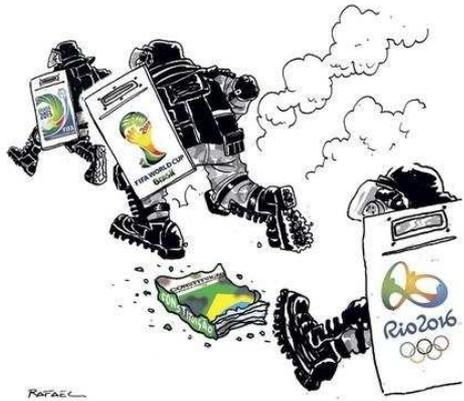
É como se, entre nós, a festa, a diversão e a alegria não fossem compatíveis com os direitos previstos nas leis.

Comente nosso editorial: opiniao@opovo.com.br

CHARGE RAFAEL



Comente a charge: rafaeladisiasa@gmail.com



ARTIGOS

Fortaleza limpa

Adisiasa Sá

adisiasa@gmail.com



Jornalista do O POVO

No começo da administração Roberto Cláudio, Fortaleza tomou um banho de fazer inveja a qualquer outra cidade. Infelizmente, a situação está mudando gradativamente, isto é, a sujeira vem ganhando terreno, inclusive no Centro. Digo isto porque dou expediente na Associação Cearense de Imprensa (Rua Floriano Peixoto), pelo menos duas vezes por semana e percebo o lixo se acumulando nas esquinas, nas portas de lojas e edifícios. Quando realizamos na ACI algum evento à noite, a situação é muito mais grave e chocante: camurças e sacos de lixo - com insuportável fedentina - tomam conta das calçadas.

Os caminhões de limpeza não são mais vistos, pelo contrário, parece que tomaram "chá de sumiço". Eu me pergunto: quem saiu e quem

entrou no setor, mudando o cenário, até então limpo e cuidado?

O descuido não se restringe ao Centro da Cidade, nos bairros o quadro é o mesmo, falo, pelo menos, quanto ao meu bairro, Papiçu, outrora limpo que fazia gosto e agora o quadro mudou: lixo acumulado, inclusive nas praças, como a Francisco Matos, em frente ao meu prédio. E tem mais: os "cupistas" também diminuíram em número, hoje não tem nem mais a metade de antes, eu, inclusive, abandonei a caminhada e fico observando, da janela, os poucos que restaram. O reitor da Universidade Federal do Ceará, professor Jesualdo Farias, que frequentava o local, tomou chá de sumiço, procurando outros ares, fugindo do abandono da praça.

Eu bem que gostaria de ouvir "cupistas" de outros locais, tipo colônia social ao lado dos manchetes da vida real nos jornais. Foram 200 mil pessoas assassinadas no Brasil entre 2008 e 2011, uma guerra de dar inveja aos Bushs no Iraque. Assasinnatos que aconteceram do teu lado, do lado de lá do corredor, do lado de vocês, pobres, protegido que somos por policiais (pobres) na "Marcha da nossa Família com Deus, pela nossa Liberdade" de ver o show no padrão Fifa.

Houve um período em que foi criado o clube da "Francis-

co Matos", com algumas pessoas atentas à praçinha, pressionando, inclusive, o chamado "sub-prefeito" da área. Por fazer em "sub-prefeito", eu também gostaria de saber se essa figura ainda existe, para ir ao seu encontro e pedir "save" a Francisco Matos. Seria oportuno um encontro com "cupistas" de outras praças, para saber como são cuidadas e se há algum grupo responsável por sua conservação.

Infelizmente nós, cearenses, não somos dados a esse tipo de comportamento, vivemos mais para nossos dias, do que com os dos outros. Somente quando algo muito grave nos atinge coletivamente, corremos atrás de nossos direitos, inclusive, usando os espaços preciosos da imprensa. Mas, todo tempo é tempo, quem sabe chegou a hora de tomarmos as rédeas de nosso cotidiano e coletivamente defendermos o que nosso ou que está sob nossa guarda, no momento.

ESCREVA ÀS TERÇAS

FALA, CIDADÃO

Legado da Copa e mobilidade

Como pedestre, já quase tenho sofrido atropelamento por ciclista na contramão, ouço de condutores que precisam parar na faixa de pedestre, senão batem atrás em seu carro, condutores dobram sem ligar a sinalineira, carros, subitamente avançam o sinal ao abrir, sem observar a passagem de transeunte na faixa, condutores avançam sinal vermelho na faixa de pedestre. **O POVO** trouxe matéria sobre agências de trânsito orientando a travessia de pedestre no av. Monsenhor Tabosa, na rua Barbosa de Freitas e no shopping Aldeota, zonas de circulação também de turistas. Que essa ação do poder público para organizar o trânsito permaneça em outros momentos, além da Copa, e em outras áreas não frequentadas também por turistas. Que não se reduza a uma ação pontual.

Inês Vieira. Comentarista por email e coluna publicada no O POVO sobre a situação de mobilidade urbana durante a período da Copa no Ceará.

Bicicletas

Leitores comentam no Facebook do O POVO Online a medida "Argos Para Duas Rodas: Projeto estimula o uso da bicicleta em quebra-marcha pedestre. É projeto mais exposto aos ciclistas fortalezenses?". Interessante que, para os motociclistas não pedem esse respeito. Não fazem faixa destinada aos motociclistas. Interessante!

As cartas deverão ter no máximo 15 linhas - com nome completo, endereço, telefone, e 96 da remessa, caso se responsabilizar pelo conteúdo. Os textos poderão ser resumidos, e **O POVO** se reserva o direito de selecionar os para publicação.

Murilo Dárdano.

Os ciclistas andam na contramão e pelas calçadas. Antes de pedirem respeito, deveriam respeitar. **Fábio Silva.**

Inflação

Essa inflação oficial é uma piada de mal gosto. Nos supermercados, bares e restaurantes a inflação real está em torno de 35%. Chega de enroloção, inflação e corrupção.

Osvaldo Maragón. Comentarista do O POVO Online a matéria "Tópicos previstos para PCA em 2014 sob o comando da ANRS".

Sobre as vaías à presidente Dilma (leitores comentam no Facebook do O POVO Online a matéria "Capitão da Alcaçofra: Philip Lathi recebe a saia da presidente Dilma, que faz mais uma vez vaias em jogos da Copa...").

Se as vaías eram de babacas contra os gastos da Copa, o que estavam fazendo lá? Não passam de meia dúzia de demagogos e mal educados, na verdade, sem educação nenhuma. Não gostam do Brasil, mudem-se pra Bósnia. **Tevid Andrade.**

Um público que vaiou e xingou a presidenta com baixarias, que vaiou enquanto era executado o hinno do Chile, um público desses mereceu mesmo perder a Copa. **Márcia Alencar.**

Os pobres e o corredor da Fifa

Mauro Oliveira

mauro.oliveira@fortalnet.com



PhD em informática

Desculpem-me, pobres, mas faço parte da turma do outro lado. Não peço ônibus para ir ao trabalho, ando em restaurantes que vocês jamais frequentarão, viajo para lugares que vocês só veem na TV. Sou daquela turma "bonita" que desfila no corredor em direção ao show da Fifa no Castelo enquanto vocês vendem três "água" por dez... e ainda são chamados de oportunistas e desonestos, por nós, os "honestos" do corredor.

Quando os vil do corredor, gru-

nhindo duas "água" por cinco, senti-me o Dr. Smith em Perdição no Espaço: em outro mundo...

Vocês são iguais a nós, os não pobres, na morte... senão em tempo de eleição. Mas, desesperar jamais, Pedro Pedreira! Afinal, nossos políticos estão fazendo alianças decentes para as próximas eleições, pensando em você que continua... esperando a sorte, esperando a morte, esperando um filho pra esperar também."

É se um dia, seu Pedro, se você se tornar "gente bonita" e esquecer dos seus ao marchar em "nossos" corredores, não chame de oportunista e desonesto quem, para não voltar pra casa de novo, vende uma "água" por qualquer preço... como você, como nós.

ESCREVA MENSALMENTE

Acabou o que era doce

Sheila Pitombeira

sheilapitombeira@gmail.com



Procuradora de Justiça

No entendimento popular o dito "acabou o que era doce" significa um basta, o encerramento de uma situação confortável, às vezes ilusória, que não terá mais continuidade. Chico Buarque em sua modinha, A Banda, bem retrata o adágio. A composição fala da passagem de uma banda de rua cujos acordes e alegria mostram o cotidiano de todos que a ouvem e, naquele instante, conseguem vislumbrar que seus sonhos podem ser realizados e que as adversidades podem ser enfrentadas com galhardia. Todavia, tão logo se dá a passagem da banda tudo retorna à passadeira de antes, mas é um retorno sofrido porque a volta à apatia anterior leva consigo a dor de ter visto que poderia ser

diferente sem saber explicar porque não foi possível nem se ainda o será.

Vivemos algo assim nesses últimos 40 dias, período imediatamente anterior ao início dos jogos da Copa do Mundo até sua conclusão domingo passado. Mas acabou o que era doce. Nos momentos iniciais questionamos, reclamamos e protestamos contra as obras superfaturadas construídas para atender ao Mundial, o descaso das autoridades com nossas questões mais prementes, educação, saúde e segurança, posto que não existem políticas públicas orientadoras ao enfrentamento dessas questões sociais. Sem falar na preservação do meio ambiente, que para nós, nossos gestores é palavra indizível. Essa era nossa realidade anterior à passagem do Mundial.

No decurso do campeonato observamos, sobretudo na convivência com visitantes de primeiro mundo que, não obstante nossas

mazelas crônicas e nossos gestores desapegados aos legítimos interesses da Nação, somos dotados de um DNA especial, com um jeito muito peculiar de não permitir que a gravidade dos assuntos institucionais descuidados nos impeça de vicejar a alegria nas horas festivas. Essa convivência nesse curto período, por vários rincões do País, nos fez "ver, ouvir e dar passagem", como diz melodia. A resaca que agora bate à porta, com tudo voltando ao lugar, se instala não apenas pelo escoro da derrota que nos tirou do páreo para a disputa do primeiro lugar. Mas porque, de repente, ficou claro que esse escoro retrata e reflete todas essas mazelas nacionais patrocinadas pela corrupção que grassa incontrollável pelo País, além da teimosia de achar que as leis são para outros e para outros não. Daí, como os jogos aconteceram em doze cidades-sedes, em "cada canto uma dor".

O POVO

Publicado em 7 de Setembro de 2013
POVO FORTALEZA ONLINE

Presidente e Editor
Luiz Henrique Campos

Vice-Presidente
João Antônio Maciel

Diretor Institucional
Fábio de Sá

Diretor de Relações Digitais
Walter de Azevedo

Diretor de Circulação
Edson Brito

Diretor de Marketing
Walter de Azevedo

Diretor de Operações
André Amorim

Diretora Administrativa
Cristina de Azevedo

Diretor Geral
de Jornalismo
de Média (M&I)

GALERIA DE PRESIDENTES DO POVO



ATENDIMENTO AO LEITOR E ASSINANTE: 3254 1010

CALL CENTER ATENDIMENTO AO LEITOR E ASSINANTE

Via e Jornal O POVO - atendimento@opovo.com.br

Tel: 055 3254 1010 - Email: atendimento@opovo.com.br

ASSINANTE: 3254 6131 - Email: assinante@opovo.com.br

ASSINANTE: 3254 6131 - Email: assinante@opovo.com.br